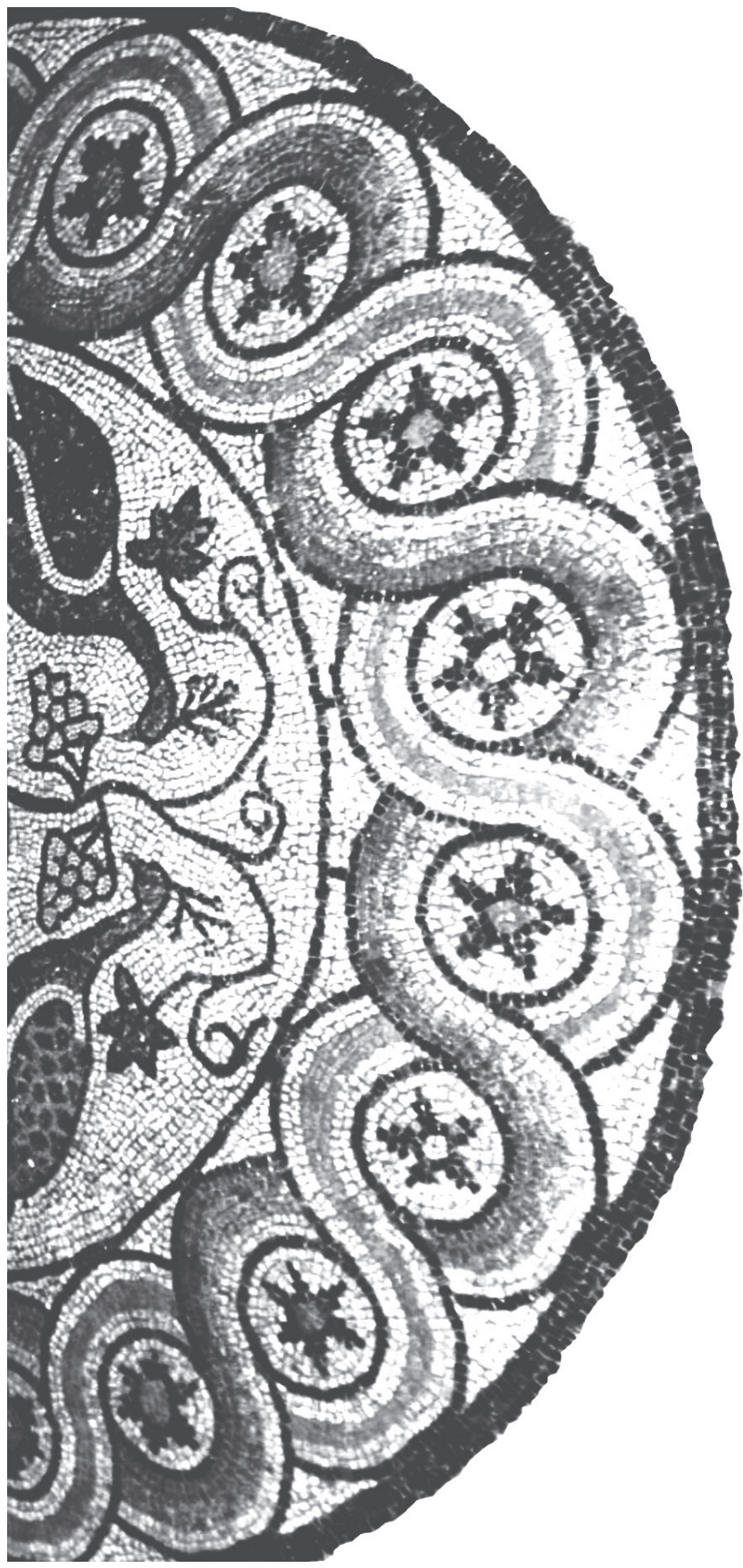


**ARTE
DE
AMAR**

PÚBLIO OVÍDIO NASÃO



**ARTE
DE
AMAR**

PÚBLIO OVÍDIO NASÃO

Matheus Trevizam
tradução, introdução e notas

Edição
bilingue

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ovídio Arte de amar / Públio Ovídio Nasão ; Matheus Trevizan, tradução, introdução e notas. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2016. – (*Série Aurora*) Edição bilingue: português/latim.

Bibliografia

ISBN 978-85-7591-463-2

Gênero poético 2. Ovídio, 43 A.C.- 17 ou 18. Arte de amar – Crítica e interpretação
3. Poesia latina – História e crítica I. Trevizam, Matheus. II. Título. III. Série.

16-08941

CDD-809.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : História e crítica 809.1

Série Aurora

Conselho Editorial

Isabella Tardin Cardoso (IEL, Unicamp)

Paulo Sérgio de Vasconcellos (IEL, Unicamp)

capa e projeto gráfico: Vande Rotta Gomide

revisão técnica: Paulo Sérgio de Vasconcellos

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

Esta obra conta com o apoio da

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (Fale/UFMG)

para a sua publicação

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

DEZEMBRO/2016

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Agradecimentos:

Aos professores Isabella Tardin Cardoso e Paulo Sérgio de Vasconcellos, pelo apoio acadêmico e revisões; à professora Graciela Ravetti – Diretora da Fale/UFMG –, pelo incentivo e oferecimento de condições financeiras para a publicação; à Fundep – Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (UFMG); a Mirian de Rezende Bergo – Seção de Compras da Fale/UFMG –, pelo empenho com as medidas práticas; a Maria Elisa Meirelles, pelos cuidados em todas as fases de elaboração editorial.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
<i>Paulo Sérgio de Vasconcellos</i>	

Introdução

A CARREIRA DE POETA AMOROSO DE OVÍDIO, COM ÊNFASE NA ARTE DE AMAR	13
<i>Dados “biográficos” de Ovídio</i>	<i>13</i>
<i>A Ars amatoria na carreira de um poeta amoroso</i>	<i>19</i>
<i>Nota sobre a tradução da Ars amatoria</i>	<i>56</i>

ARS AMATORIA

Arte de amar

Livro I	61
Livro II	107
Livro III	151

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	199
--------------------------------------	-----

APRESENTAÇÃO

Se há escritores que se caracterizam por inovar a cena literária, propondo algo inédito (ainda que inserido na tradição, já que não há, como sabemos, criação a partir do nada), Ovídio é um desses casos. Da sua primeira obra da juventude, as elegias dos *Amores*, até à última, escrita no exílio, os *Tristes*, o poeta romano invariavelmente trouxe algo novo aos gêneros que praticou. Nos *Amores*, como Matheus Trevizam recorda em sua Introdução, Ovídio se retrata como um poeta que, graças a uma travessura de Cupido, viu-se compelido a escrever elegias, quando se preparava para compor uma epopeia. Um poeta que começa um livro de elegias amorosas sem ter ainda um objeto para dirigir seu afeto é, em princípio, uma infração ao gênero, tal como praticado por seus predecessores Galo, Tibulo e Propércio, já que um dos temas fundamentais da elegia amorosa romana é que alguém escreve elegias amorosas porque está apaixonado: escrever elegia e estar envolvido numa relação amorosa são as faces indissociáveis da mesma moeda. Ovídio, então, inicia sua obra elegíaca desconstruindo o gênero, num poema que é uma reflexão sobre o próprio fazer poético, como se fosse revelar ao leitor as engrenagens que põem em ação a cena elegíaca. Quanto aos *Tristes*, versos em que Ovídio vai, em cinco livros, lamentando a sua condição de relegado para terras que ele descreve como inóspitas e habitadas por incultos bárbaros, aqui o poeta funde elegia amorosa e gênero epistolográfico, terminando sua carreira poética com mais uma metamorfose genérica. E se poderia aplicar a *todas* as outras obras ovidianas essa constatação: em todas elas há uma mesma tendência a quebrar as expectativas do leitor que conhece a tradição poética que Ovídio está transfigurando.

Que a *Arte de Amar* funde metro e temática elegíaca com o gênero didático é um aspecto que Matheus Trevizam salienta em sua sólida introdução, o qual ele tem estudado desde seu Mestrado. Como se fosse um manual de sedução, o poeta, sob a *persona* de um professor, dá dicas e ensina truques úteis, primeiro para os homens, nos dois primeiros livros, e depois para as mulheres, no terceiro e último. Trata-se de conquistar e manter a “presa”, amando sem sofrimento elegíaco, quer dizer, jamais perdendo o controle

racional sobre os próprios sentimentos. Note-se que precisamente esse autocontrole é o contrário do que ocorre com o pobre amante da elegia erótica tradicional, sempre à mercê de uma senhora caprichosa e dominadora (quando não, como no caso de algumas elegias de Tibulo, também à mercê de um garoto que tortura o eu poético com seu comportamento leviano).

A *Arte* vai desfilando, para seus Don Juans (masculinos e femininos), suas nada ortodoxas técnicas de sedução; uma das passagens mais engraçadas (pois que este livro tem muitas assim!) é quando o “professor” recomenda o uso de lágrimas no momento certo. Se não vierem lágrimas espontaneamente, que o amante molhe a mão e passe nos olhos... O “professor” ensina, então, seu “aluno” a simular, a ser ator, a enganar... Além de incitar a fingir o pranto, o amante deve inventar elogios, fazer de conta que está bêbado e muito mais, pois todos os meios são lícitos para o objetivo proposto. O leitor sente a ironia ovidiana e ri desse cinismo despudorado... Em outros momentos saborosos, o poeta trata a conquista amorosa como se fosse uma espécie de caça; veja-se esta passagem do primeiro livro

“Que em primeiro lugar te venha ao espírito a certeza de que todas podem ser capturadas; tu as capturarás, basta estender as redes”.
(I, 269-270)

Tendo dado armas aos varões nos dois primeiros livros da obra, como diz Ovídio, no terceiro o professor se dirige às mulheres; elas também podem se beneficiar de certas estratégias, como estas dicas para compensar defeitos da natureza através da técnica:

“Raras pessoas carecem de defeitos; esconde teus defeitos e, tanto quanto é possível, oculta as falhas de teu físico. Se és baixa, assenta-te para não pareceres estar sentada ao te pores de pé, e reclina-te em teu leito ainda que sejas pequena; também aí, para que o tamanho de quem se deita não possa ser avaliado, faze por esconder teus pés sob a veste que os recobre. A que é magra demais, use vestes de trama densa e leve nos ombros um manto solto”. (III, 261-268)

Mas deixo ao leitor a seleção pessoal dos momentos mais saborosos dessa obra. Um dos méritos da edição desta *Arte de Amar* é não cair na es-

parrela de tomar o livro ingenuamente como fonte direta de comportamentos da sociedade romana contemporânea. Como toda obra literária, a *Arte*, claro, reflete, de algum modo, o meio em que foi escrita; mas essa relação não é especular, direta, simples. Como ressalta Matheus Trevizam, temas e personagens da elegia amorosa romana habitam as páginas da *Arte*, que, sob a aparência de um tratado de conquista amorosa, apresenta uma reflexão sutil sobre a própria arte poética – uma autorreflexividade, aliás, comum em Ovídio. O poeta manipula brilhantemente os dois níveis de discurso, que coexistem harmonicamente, a ponto de um leitor menos interessado em reflexões metapoéticas poder se divertir com o conteúdo primeiro do tratado sem se dar conta desse aspecto da obra.

Nas páginas que se seguem, Matheus Trevizam apresenta ao leitor brasileiro uma tradução integral e anotada da *Arte de Amar*, precedida de clara e instrutiva introdução à biografia do poeta, sua obra elegíaca da juventude e algumas das principais características desse “manual” amoroso. No contexto editorial brasileiro (em que – é preciso dizer – uma versão bastante comercializada é visivelmente calcada no francês e repleta de erros grosseiros), precisávamos efetivamente de uma tradução assim, diretamente do original latino e embasada em sólido conhecimento filológico e literário. Além disso, a tradução é fluente e vazada no excelente português que caracteriza a escrita do seu autor.

Enfim, o leitor brasileiro pode agora desfrutar de uma das obras mais interessantes da literatura latina numa edição à altura.

Paulo Sérgio de Vasconcellos

